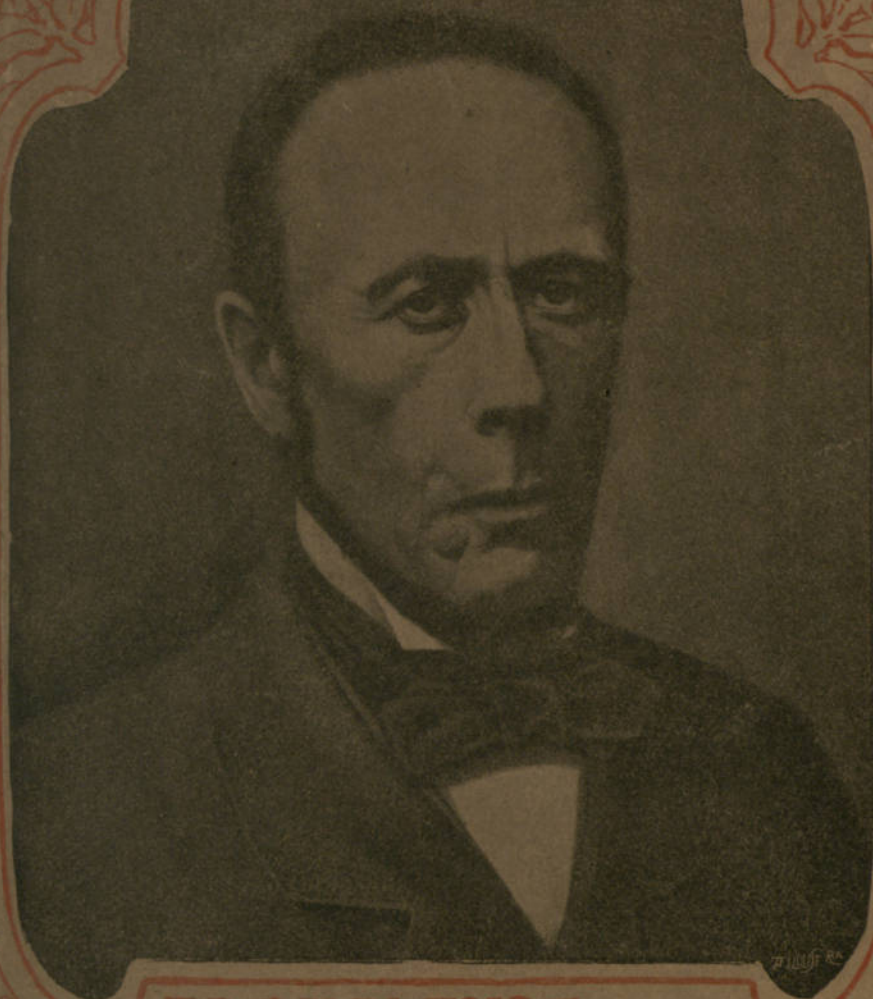


8
ROCHA MARTINS



ALEXANDRE
HERCULANO
— E A SUA EPOCA —



BIBLIOTHECA HISTORICA DE ALFREDO LAMAS
EDITOR — 13. C. DE S. FRANCISCO 13. A. LISBOA

Francisco José da
11655
6/1/972
Oliveira

ROCHA MARTINS

ALEXANDRE HERCULANO
E A SUA EPOCA

Commemorando o 1.º Centenario
do grande historiador



Bibliotheca Historica
DE
ALFREDO LAMAS, Editor

13, Calçada de S. Francisco, 13-A
LISBOA — 1910

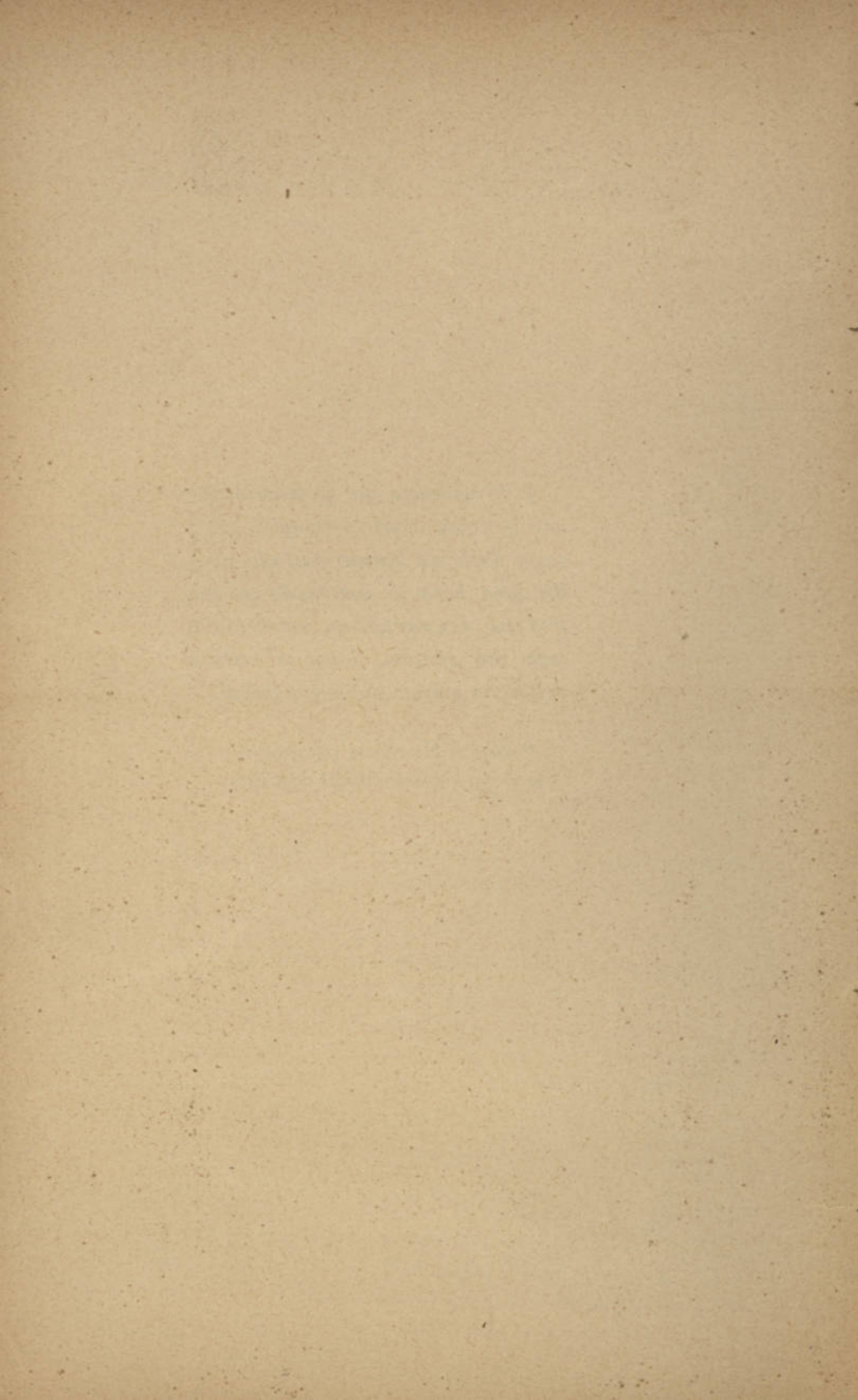
Composto e impresso na typographia da **Bibliotheca
Historica** de Alfredo Lamas, Editor, 13, Calçada de S.
Francisco 13 A — Lisboa.

O presente folheto é o resumo d'um livro que Rocha Martins está escrevendo sobre o grande historiador português e que publicaremos. Não é no curto espaço d'um artigo, que podemos dar ideia d'esse trabalho, d'onde extrahimos as indicações sobre Alexandre Herculano e a sua epocha, prestando assim o nosso concurso no centenario do immortal escriptor.

O Editor

A Providencia que provavelmente não o achou assás corrompido para fazer d'elle um homem d'estado, deu-lhe uma hora de contricção em que pudesse desempégar-se, escorrido o lodo dos vestidos, lavar o rosto e voltar ao gremio do mundo moral.

(Alexandre Hercnlano referindo-se a si proprio nas notas do *Monge de Cistér*)





A figura severa de Alexandre Herculano destacando no alto da sociedade do seu tempo, avulta para nós como o exemplo do caracter forte, unido e inquebrantavel, incapaz do mais leve desvio, cheio da rectidão que se marca no seu rosto todo de linhas rigidadas, a reflectir a alma d'aço d'esse homem honrado n'uma epocha em que já fermentava a dissolução. O historiador era como uma arvore grandiosa cujas raizes mergulhavam desde seculos n'uma geração de plebeus, gente d'officio e de gleba, humildes que bem pareciam ter nascido da terra a que o descende se devia devotar na hora das desillusões, como para uma amiga fiel que o chamasse, a affastal-o do convivio dos dominadores. Entre os seus avós surgem mestres d'obras e pedreiros, carpinteiros e lavradores, sendo o mais recuado um sapateiro, exactamente como no tronco da dynastia que os viu—ou antes pouco d'elles soube—trabalhando em seus misteres no fundo das officinas tristes, pelo alto dos telhados nos rebocos, ou seguindo o arado, nos campos alheios, como servos humilimos, dando aos senhores o sangue e a vida.

Um d'elles, porém, fallou um dia a D. João V, mas não com a servilidade que era d'esperar em homem de poucas luzes e menos teres. Chamava-se este Caetano Thomaz e trazia na ascendencia um João Francisco — O *Longo* — que habitava no topo da rua Formosa, onde ainda hoje uns casebres attestam miserias de tres seculos. Andava a edificar-se Mafra n'um real capricho; aquella massa pesada devia surdir da charneca brava, ante um gesto da regia mão que tudo podia menos affastar a morte. Decretos violentos mandavam para ali legiões de trabalhadores, a gente d'officio do reino agglomerava-se a fazer a obra que o rei sonhara e ninguem sabia replicar, nem uma só voz se erguia a dizer da sua justiça. Entre essa turba plebêa foi o pedreiro Caetano Thomaz. Um dia o monarcha apeou-se da sege dourada deante dos paredões do mosteiro, fallou n'uma graça aos artifices; olhou satisfeito a mole que ia ser o abrigo dos frades seus amigos e quando chegou a vez de Caetano Thomaz se aproximar, este, no seu traje d'officio, deante das sedas ricas do rei, soube marcar que estava descontente e que não se tratavam obreiros como gente condemnada, obrigando-os a trabalhar onde não queriam. (*)

Era este um dos ascendentes do historiador e por este rasgo se vê em que fontes limpidas se temperou o character do homem que tantos movimentos semelhantes devia fazer.

Vinha florescendo assim essa geração de pedreiros e mestres d'obras, trabalhando para

(*) Gustavo de Mattos Sequeira, artigo da *Illustração Portugueza*: *Uma Genealogia interessante*.

os grandes mas guardando sempre esse fundo de orgulho ancestral, apparecendo entre elles o architecto, filho do pedreiro de Mafra, que certa vez se mostrou agastado com o principe regente ante umas modificações feitas por este no risco do palacio d'Ajuda. Vê-se que os descendentes do sapateiro de Caparide não se intimidavam em face dos netos do sapateiro de Veiros, cuja genealogia se deformara emquanto a outra ficava pura.

O filho d'este architecto, chamado Francisco Antonio de Sousa, foi o dono do palacio do Rato, onde habita actualmente a familia Palmella. As obras regias, os fundos d'economia, talvez os casamentos, tinham dado uma certa abastança a esta gente que de tão baixo vinha, mas o character conservava-se com tanta firmeza, que mettido na sua abastança não poude o architecto n'ella se conservar ante os males da patria.

Tinha fugido para o Brazil o rei que recebera os maus modos do artista, o pae do soberano que Alexandre Herculano, descendente do architecto, devia, ajudar a reconduzir ao throno. A nação expulsara os francezes, mas começara o dominio inglez. A fidalguia que ficara, fazia causa commum com os officiaes de Beresford; uma ancia de liberdade enchia os corações e então Francisco Antonio de Souza, accusado de fazer parte da conspiração de 1817, onde envolveram o general Gomes Freire, foi condemnado. Escapou da morte, mas partiu para o degredo d'Angola; os bens foram-lhe confiscados. Na sua rectaguarda ficavam as fogueiras do campo de Sant'Anna, onde rechinava a carne dos martyres da patria e a forza lugubre de S. Julião

da Barra, onde o cadaver de Gomes Freire balanceou ao romper d'uma parda manhã d'outubro.

Mais tarde veiu o indulto. O architecto, voltou do exilio. Pediu que lhe restituisssem os bens, que lhe dessem a sua casa. Ninguem o ouviu.

Sua tia Genoveva dos Anjos Alexandrina, casada com Jorge Rodrigues de Carvalho, que era tambem mestre d'obras, foi a avô de Alexandre Herculano.

Parecia ser condão da familia a pratica d'actos cheios de legitimo e nobre orgulho, n'esse tempo em que se tornavam bem perigosos esses movimentos.

O mestre d'obras empregava os seus cabe-daes em fazer edificações para as bandas de Belem, onde a côrte se refugiára após o terremoto. Quando foi a conspiração dos Tavoras armaram o patibulo no lugar que mais tarde se devia chamar o *Chão Salgado* e em frente do qual já tinha uma casa quasi construida.

Toda a gente queria assistir a esse acto, propunham-lhe grandes lucros pelo aluguer das suas janellas n'uma anciedade de verem despojados das honras e entregues ao carrasco esses fidalgos famosos que tanto tinham brilhado na côrte. O avô de Alexandre Herculano tudo recusou e mandou fechar as suas janellas fronteiras ao patibulo. Foi n'essa casa, bem-dita pelo amor e por um acto de tanta dignidade, que nasceu a mãe do historiador, D. Maria do Carmo São Boaventura. O pae de Alexandre Herculano, Theodoro Candido d'Araujo, descendia d'um negociante de cereaes e foi fiel da Junta de Juros.

O avô era amigo e parente do mestre car-

pinteiro Antonio Rodrigues Gil, que vivia na sua casa da rua de S. Bento, a qual foi legada á avó do historiador e este ali nasceu, segundo elle dizia, em 28 de março de 1810; em 28 d'abril do mesmo anno, diz a certidão d'edade.

D'esta frondosa arvore de pedreiros e carpinteiros, da legião do trabalho, nasceu o romancista, o homem que por um atavismo estranho, devia demolir com a sua penna alguns preconceitos como os camartellos nas mãos robustas dos avós demoliam as velhas paredes para logo se construirem outras mais a seu gosto. Dentro dos muros do paço d'Ajuda, que um dos seus riscára, devia passar-se uma parte da sua laboriosa existencia, assim como nas vastas salas de Mafra em face de cujos esqueletos o seu antepassado pedreiro fallara rijamente ao rei, os descendentes d'este o deviam admirar.

Poucos eram os haveres da familia d'Herculano quando elle chegou á edade d'entrar nos estudos. O pae estava cego; parecia que todos os revezes vinham fustigar essa familia honrada.

Não poudé ir para a Universidade; entrou na aula do commercio e na de paleographia na Torre do Tombo. Os seus gostos chamavam-no para os velhos papeis, para as surpresas que estes encerram, para essas poeiras dos seculos que era necessario saber decifrar. Estudava com afinco; tinha vinte e um annos e um futuro incerto.

Portugal debatia-se então na grande crise d'onde lhe vieram todos os males. As ambições dos dois filhos de Carlota Joaquina atiravam os portuguezes uns contra os outros. D. Pedro fallava em liberdade cubiçando o throno

D. Miguel defendia-o, enchendo as cadeias e fazendo erguer as forcas. Alexandre Herculano entrou na conspiração de 1831 que se mallogrou. Fugiu a bordo da fragata *Melpomene* e dentro em pouco, após umas travessias, estava em Rennes com os emigrados portuguezes fugidos á Alçada, á forca, aos prazeres sinistros do Telles Jordão, do rei e do conde de Basto.

D. Pedro sonhava com uma incursão em terra portugueza. Agglomeravam-se já em Belle Isle os soldados sahidos de todas as classes, os homens que o auxiliavam, crentes na liberdade apregoada.

Eram fracos os recursos do ex-soberano do *Brazil*; sua esposa via se obrigada a empenhar as joias para acudir ás despezas da expedição, onde Alexandre Herculano ia como soldado.

Era o numero 35 dos voluntarios da rainha, d'essa D. Maria da Gloria, em cujas mãos infantis todos viam — n'uma fé extranha — a paz e a prosperidade. Garrett ia tambem n'essa expedição como soldado de caçadores. Imagina-se o que seria esse elegante mettido na farda côr de pinhão, d'espingarda ao hombro e falando uma linguagem preciosa.

Quando se desembarcou no Mindello, Herculano era soldado ainda; bateu-se valentemente no reconhecimento de Braga até Bouro e no ataque de Ponte Ferreira. Não receava, com o seu animo forte o zunir das balas, cumpria honradamente o que julgava o seu dever e só mais tarde se devia desilludir quando os acontecimentos lhe mostraram o valor real de todas essas impetuosas acções da sua mocidade. Entretanto, á medida que as tropas iam vencendo e que o constitucionalismo ia substituir

a realza absoluta o soldado depunha a arma para entrar como ajudante do bibliothecario no paço episcopal do Porto.

Acabara a vida do militar incorporado n'um exercito mas ia começar a obra d'um voluntario valoroso a bater-se só contra uma sociedade que renegaria todo o sangue derramado pela liberdade.

A Sociedade Constitucional
Herculano e o clero
Indicações sobre a sua obra

Implantado o constitucionalismo chegou a desillusão. Os crentes que tinham combatido pelos principios viram em que extremos se chegava. Aproveitavam com a revolução os homens d'espada, os politicos, os intrigantes, a caterva de aventureiros que explora sempre as ideas novas, traficantes, gente de negocio e começavam os influentes a crear os partidos á sombra do thesouro. Os bens dos frades tinham sido largamente distribuidos, os novos fidalgos não podiam sustentar os titulos e d'ahi o ser necessario enriquecel-os. Viu-se então em todo o paiz os velhos conventos ainda quentes dos incensos receberem os novos donos; nas vastas cosinhas installavam-se os que chegavam, nas egrejas arrumavam-se mercadorias e aquellas extensões, onde tinha lourejado a vinha fradesca, onde tinha crescido o pão, torrões cultivados desde seculos ficavam incultos até que sahissesem das mãos do estado para pagar favores.

Chegaram descontentamentos dos que se julgavam lesados, exigia-se o saque dia a dia pois não fôra para se ficar na mesma penuria

que se correrá a aventura e como se fallasse alto os recémchegados quizeram calar essas vozes e dar o golpe na Carta Constitucional pretexto da subida ao throno do ex-imperador do Brazil que tres annos antes fallecera em Queluz, na sala D. Quixote, que tão bem espelhava a sua vida não só pelo çavalleiro dos gestos sem motivo mas sobretudo pelo Sancho glutão e pratico. Agora era a rainha que, como uma linda borboleta, se deixava enredar hora a hora na teia que as negras aranhas da politica iam tecendo e assim se golpeava a Carta em nome dos interesses dynasticos e dos seus apañiguados.

Herculano, então segundo bibliothecario nos archivos do Porto, viu tudo isso e quando se deu o golpe, abandonou o lugar, partiu para Lisboa a combater na *Revolução de Setembro*, a fulminar com a *Voz do Propheta* as camari-lhas politicas. Foi a primeira desillusão. O que elle esperava ser um ousado movimento de regeneração tornara-se n'um campo d'ambições desenfreadas, as balas trocadas na suprema defeza do paiz tinham servido apenas para desalojar uns afim de contentar os outros e o impudor já reinava como outr'ora; os frades tinham sido substituidos pela legião d'empregados publicos emquanto os egressos mendigavam. O defensor da Carta, sentimental e indignadamente, ia soccorrendo alguns dos expulsos dos conventos. A sua nobre alma entrava a sentir repugnancia pelos processos do regimen.

Era necessario trabalhar passado o conflito. D. Fernando, offereceu-lhe o lugar de seu bibliothecario e elle engolfado nos archivos ia trabalhando com uma coragem que nunca o abandonou. Começou pelos pequenos

artigos em que expunha a sua maneira de vêr e ia meditando essa collossal obra *O Monasticon* que o sagrou. Era o *Eurico* com a sua reconstituição d'um passado longinquo errando sobre as fragas elevando desesperos; *O Monge de Cistér*, perfeita historia do reinado de D. João I e em que um alto sentimento prepondera, a almafega d'um monge cobrindo um esforçado e amoroso coração, uma desdita que confrange e faz pensar. Vinham as *Lendas e Narrativas* pequenos contos, baseados em antigas historias do povo, quadros de maravilha que arrancava ás chronicas para colorir com a sua linguagem forte, a fazer-nos estremecer como com a *Dama do Pé de Cabra*, a admirar-nos como na *Morte do Lidador*. a encher-nos de patriotismo como no *Castello de Faria*.

Quasi todos, senão todos, estes romances, tinham sido publicados no *Panorama*, jornal que Alexandre Herculano dirigira desde 1837 a 1839 e que pertencia á *Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis*. De 1839 a 1842 continuou a escrever tendo todavia deixado a direcção do jornal e assim até 1854. Dois annos antes fundara o *Paiz* com o Marquez de Niza e em 1856 o *Portuguez*. A sua norma era sempre a mesma. Honrada linha a sua. Não se desviava um ápice do que sabia ser o caminho d'um homem de bem. O sangue dos avós plebeus e ousados aquecia-lhe por vezes, e então tinha rasgos que ainda hoje espantam.

Entre a sua obra floresce a *Historia de Portugal* cujo primeiro volume appareceu quando latejavam no Minho as estrophes vibrantes da Maria da Fonte, mulher tornada symbolo das revindicações populares até certo

periodo. Chega até ao fim do reinado de D. Affonso Henriques esse livro, contendo o segundo os de D. Sancho I, D. Affonso II e D. Sancho II e o ultimo o de D. Affonso III não tendo o historiador ido mais alem, o que realmente é pena. N'essa historia feita com a erudição mais vasta, com a isenção mais nobre, com a mais pura linguagem portugueza, existe como em toda a obra de Alexandre Herculano, essa altissima qualidade d'expôr o que sinceramente julgava ser a verdade.

Prescrutando sempre nas chronicas arrancando-lhes as sumulas preciosas, o escriptor que traçara no seu magnifico romance o *Bobo* o quadro da côrte de D. Tareja, não podia ao fazer historia pura deixar de seguir a sua norma d'impor a verdade.

Por isso negou a historiêta absurda do milagre d'Orique, o apparecimento de Christo ao rei Affonso Henriques com que desde seculos os chronistas andavam explorando. A mentirola lisongeira d'algum monge passara com fôros de fé no correr dos tempos e Alexandre Herculano, baseando-se em documentos, não negando pelo prazer de negar, embora a sua razão e sobretudo a sua honesta maneira de proceder, o levassem a renegar milagres, disse ser falsa essa apparição no campo da batalha, collocou as cousas no verdadeiro logar, explicando tudo humanamente, repudiando o sobrenatural.

Assim foi. Mas o homem honesto que vinha fallar desassombradamente, o soldado de D. Pedro que deixara o emprego, seu unico sustento quando lhe tocaram no ideal porque se batera — A Carta — aquella figura talhada n'um só blóco, feita d'uma rija tempera não

podia dizer taes verdades em face da clericalha ignorante, anciosa sempre de dominar pelo sobrenatural e d'ahi a guerra que lhe foi movida desde as mais sumptuosas egrejas ás mais mesquinhas parochias, a grita dos padres indignados, toda uma furiosa campanha onde não o poupavam. Do alto do pulpito fuzilavam tropejavantes as coleras; o nome de Alexandre Herculano era indicado como o d'um hereje, d'um vil atheu porque negava um milagre que os padres se diziam ter passado nos tempos barbaros da fundação da monarchia, porque não queria, nem a admittia em sua consciencia, essa visão mentirosa d'um vulto branco descendo dos ceus como a dizer ao barbaçudo rei vestido d'arnez que fosse fazendo a matança na mourama.

Em Braga tinham sido desensoffridas as raivas que chegaram como uma epidemia á propria parochia d'Ajuda onde o escriptor residia como bibliothecario do Paço.

O clero ia no entanto saber que especie de homem era esse neto do sapateiro de Caparide.

Herculano n'aquella manhã de domingo estava descuidado, talvez tratando das suas flôres com que fazia os ramos artisticos da sua meza, quando D. Pedro e D. Gastão da Camara, seus amigos e o Seixas, seu empregado, entraram pela casa dentro, foram adonde o mestre e pallidos, transtornados pela indignação narraram o que tinham ouvido ao padre, n'aquelle mesmo momento, na egreja da freguezia.

Eram as suas imprecações, o epitheto d'atheu com que o tinha alvejado, a sua voz colerica indicando aos fieis como inimigo da religião o bibliothecario regio porque elle negara

o milagre d'Ourique — esse conto de velhas, como Herculano lhe chamaria.

Ouviu-os impassivel o historiador. No seu rosto austero não houve uma contração, não se afogou na colera a sua voz masculina mas apenas disse:

«Elles querem brigar comigo. Pois agora o veremos.»

O illustre e venerando escriptor Bulhão Pato, que viveu na intimidade de Alexandre Herculano, estava presente quando se deu a scena que na sua linguagem, cheia de limpidez, narra n'um dos volumes de *Memorias*. Não deixou o historiador de ir dar o seu passeio pela ribeira das Romeiras, sitio mettido n'um valle formoso abaixo d'Ajuda para as bandas de Casellas; não mostrou desesperos, não ardeu em raivas. A' volta, depois de jantar, apozou cuidadosamente a sua penna de pato e dispoz-se a escrever. Sahiu essa carta ao Patriarcha de Lisboa, que corre mundo como uma sentida e nobre desafronta e que Alexandre Herculano intitidou: *Eu e o clero*.

Aquelle nobre coração, aquelle excepcional character não podia ficar socegado, não podia jamais descançar se não respondesse ao ser attacado fosse por quem fosse. Emquanto pelos pulpitos provincianos se ouviram os insultos conteve-se más quando ali á sua beira, na sua propria freguezia, um padre ignorante, que talvez o visse todos os dias, o apodava de he-reje e o feria, Herculano não podia calar-se.

Fallou e a sua voz parece que ainda hoje retumba no ataque dizendo n'uma linguagem nobre as mais altivas verdades, tratando com o vigor costumado essa questão de padres que não tendo a menor noção da historia em toda

a sua verdade, se voltavam como podengos para o historiador venerado.

E' então que o grande homem traça o quadro do clero; o mostra no seu papel, collocando-se no lugar que lhe competia, recordando que nunca desrespeitara a religião mas zurzindo indignado alguns dos contendores. Evoca alguns velhos monges a quem soccorrera, explica com a maior altivez a sua acção e dirigindo-se sempre ao patriarcha, n'essa carta famosa, diz :

«Quando Roma que parece ter jurado nas azas de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo, crucifica no seu Index nomes como os de Chateaubriand e Lamartine; nomes como os de Gioberti e Ventura, terei eu, verme que passa á sombra do meu nada, direito de offender-me porque de pulpitos obscuros, n'um canto obscuro da Europa, alguns clerigos maus ou ignorantes lançam sobre mim o villipendio das suas palavras? »

Era sempre assim a carta. Uma revolta mal suffocada aetivamente expressa n'uma linguagem d'oiro.

A ultima phase

O solitario de Valle de Lobos R regresso á terra

Entretanto o mestre continuava a sua obra. Trabalhava nos *Momumentos Historicos de Portugal* de que a Academia o incumbira. Percorria o paiz em cata de documentos, entregava-se d'alma e coração a essa nova tarefa mettido nos archivros ecclesiasticos os quaes na sua maioria jaziam n'um desleixo imperdoavel. Os padres, n'algumas parochias, recusavam-se a

mostrar-lhe os velhos papeis. Agarrado a esse trabalho andou de 1853 a 1856, indo buscar á provincia e á Torre do Tombo, materiaes que no seu gabinete d'Ajuda colligia, detendo-se por vezes largo tempo no seu canto todo devotado ao estudo d'esses preciosos documentos. Na Academia lavravam fortes as discussões; andavam em melindres os sabios a ponto de José da Costa Macedo dar a sua demissão de secretario perpetuo e até de socio da corporação. Nomearam-no guarda-mór da Torre do Tombo e Herculano, declarou desde logo que não podia continuar os seus trabalhos porque a sua dignidade não lhe consentia a frequencia dos archivos onde superintendia uma pessoa com quem estava agastado. Demittia-se tambem dos seus cargos academicos, n'um ronpante, que recordava os dos avós, declarava deixar a vida activa das lettras e afastava-se realmente disposto a cumprir a sua promessa.

Aos desgostos que tivera ante a desilusão de vêr a obra constitucional perdida juntavam-se os de ser obrigado a deixar a vida litteraria que era o seu grande encanto. A sua grande obra, pelos menos a sua parte mais gloriosa, as *Historias de Portugal e da Inquisição*, os romances, os versos, alguns dos seus mais celebres opusculos, estava publicada, mas era desolador vêr esse grande homem, esse erudito, deixar tudo n'um gesto de revolta, sacrificando-se. Sem esse gesto a *Historia de Portugal* teria ficado senão completa ao menos muito mais adiantada e se é natural applaudir a dignidade com que o historiador procedeu tambem é para lamentar a sua resolução que nos privou de mais um soberbo monumento litterario.

Agora chegava a esse neto d'artifices e la-

vradores a attração da terra. Na quinta do Calhariz, em Cezimbra, que alugara aos duques de Palmella, ia tratando d'enxertos e de lavouras mal com as letras por causa dos litteratos. Era ao mesmo tempo a ancestralidade que lá estava a indicar-lhe a terra de que os seus tinham vivido, era tambem a calma apetecida pelos espiritos durante muito tempo embrenhados em luctas. Herculano voltou aos seus trabalhos dos *Monumentos Historicos*, depois da morte do guarda mór da Torre do Tombo. Sempre mais ou menos até 1863 lhes foi accrescentando algumas paginas mas na realidade o escriptor sentia grandes desejos de pôr de lado a gloriosa faina.

Em 1867 agradou-se de Valle de Lobos; aquelle logar solitario attrahia-o, a vida modesta que ali levaria resolveu-o a installar-se. Dentro em pouco começaram a chamar-lhe o solitario, uns a lamentarem-lhe a ausencia outros a desejaem-na. Vivia muito de saudades, de recordações. Renunciara a todas as pompas vãs; a sua passagem pelo parlamento, em 1840, desilludira-o da representação nacional; recusara o pariato como em 1862 recusara a gran cruz de S. Thiago. As razões deu-as o proprio Herculano explicando a sua conducta:

«Pertença pelo berço a uma classe obscura e modesta, quero morrer onde nasci. Ha n'isto uma grande ambição solapada. No immenso consumo que se tem feito e que está fazendo ha trinta annos de insignias, de fardas bordadas, de titulos, de graduações, de tratamentos, de rotulos nobiliarios, o homem do povo que queria e possa morrer com esta classificação deve adquirir em menos de meio seculo extrema celebridade. No Baixo Imperio quando a

cidade romana cahia ao contacto dos barbaros esphacelada pela podridão interna chegavam a nobilitar á força os cidadãos mais obscuros arrolando-os nos collegios dos curiaes. Esta boa terra promette que ha-de chegar lá».

Assim fallava o grande escriptor na sua voz prophetica. Recusava tudo, não queria essas glorias vãs; não desejava um viscondado como o de Garret, não queria o pariato ambicionado por todos os politicos, recusava as veneras mesmo da mão digna do homem que elle mais amou.

D. Pedro V foi o seu amigo, passava horas a seu lado; aquelle grande espirito era dedicadissimo ao gigante da litteratura. Não eram o rei e subdito, o discipulo e o mestre. Um dia porém, o joven monarcha lembrou-se do seu cargo, sentiu um grande desejo de dar a Herculano a commenda da Torre Espada. Em virtude das suas acções de soldado, era cavalleiro da ordem. Diante o desejo do rei, o historiador recusou como recusaria receber de-el-rei D. Luiz a gran cruz de S. Thiago. D. Pedro V, brandamente, disse-lhe que procedesse conforme a sua consciencia mas que elle tambem procedesse conforme a sua lhe indicava. Deu-lhe a commenda. Herculano nunca reparou n'isso; nunca se considerou commendador e mais tarde, ao fundamentar a sua negativa em receber a nova honraria, recusava ainda tudo isto e accrescentava:

«O que valia muito, apesar do seu innocente erro, era esse moço de 24 annos, esse filho de D. João I e de D. Duarte, extraviado no seculo XIX, vindo pedir a um filho do povo que lhe acceitasse uma mercê, porque entendia que õ dever a isso o obrigava».

Recorda cada vez mais os avós, a gente do povo, altiva e digna, fallando assim, collocando acima de tudo o seu character e disendo ainda, em relação a D. Luiz, que preferia o seu desagrado como rei do que seu desprezo como homem.

Não acceitara a commenda das mãos de D. Pedro V se ao acceitasse das suas o que pensaria o irmão d'esse querido rei cuja alma, á antiga, andara extraviada no seu seculo?

Por fim recolhe-se de todo a Valle de Lobos, procura na sombra amiga das arvores o repouso, no trabalho rude em face dos camponios a distracção, n'aquella simplicidade o esquecimento.

Succediam-se os acontecimentos politicos e elle nem os queria saber. Mettido no seu fato de briche, com o seu largo chapéu, vivia na paz dos campos, levava uma existencia de camponez cuidava das suas oliveiras e das suas rosas, lá n'esse canto, longe de tudo, meditava na agricultura. Subira muito alto nas lettras mas regressava á terra com os avós. Acima da sua obra litteraria é o seu character, a sua honradez, que se deve fixar, o desassombro com que sempre fallou aos grandes, os cuidados sempre tidos para com os pequenos. N'aquelle voluntario exilio ninguem sabe se o historiador foi feliz. Raramente deixava as suas arvores, a sua quinta; já estava inteiramente separado da litteratura. O seu mundo era aquelle, o dos ganhões, da gente simples, dos trabalhos ruraes. Parecia que nunca fizera outra cousa, adaptava-se, sorria quando alguns procuravam ainda acordar na sua alma antigas recordações, vaidades, e estimulos. Era um aldeão, um lavrador de pequenos teres como

um dos antepassados. A sua obra via-a a maneira d'um incidente da sua vida não a olhava como o monummento que realmente é, e que a posteridade reconheceu admirada.

Em setembro de 1877 veio a Lisboa para visitar o seu amigo D. Pedro II do Brazil. Recolheu logo a Valle de Lobos. Já ia adoentado. Doze dias depois, fallecia esse alto espirito, cuja obra litteraria, sendo grandiosa, não chega todavia á do seu impolluto character. Alexandre Herculano, no meio das infamias do seu tempo, que precediam as prodidões d'hoje foi um homem honrado. Conta-se que estando um dia a podar as suas rozeiras na quinta de Valle de Lobos, alguém buscando ainda acordal-o para outra existencia lhe fallou n'um centro politico que se ia fundar em Santarem. O historiador calava-se; o outro insistia. A podôa ia cortando os ramos maus e o tentador insistia sempre: Herculano que diz você a esta ideia!?

O grande escriptor com a cabeça baixa sobre o arbusto, attentamente, diz-se que respondeu: Homem não vê que estou tratando de cousas serias?!

Se não o disse, se a anedocta não se passou com o historiador em Valle de Lobos mais ninguem o dizer podia.

Só elle saberia marcal-a sinceramente e sem esta qualidade a resposta não teria valor. N'aquelle ermo expirou, o vulto exemplar que sendo do povo sempre na sua classe quiz ficar, quando todos os litteratos procuravam esconder sob as bandas das commendas e sob os titulos ridiculos os nomes honrados dos avós sahidos da gleba, feitos no trabalho.

—
Preço 150 réis
—

NO PRELO:

O Fim do mundo

por Camille Flammarion

Versão de Augusto Gil